

IDENTIFICAÇÃO DO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA

Telmara O. Benevides Campos – UFBA

Ricardo de Araújo Kalid – UFBA

Milton Ferreira da Silva Junior – UFSA

Maria Olímpia Batista de Moraes- UFBA, Campus Eunápolis;

telmarabenevides16@gmail.com; Ricardo.kalid@gmail.com; notlimf@gmail.com;

mariaolimpiamoraes@hotmail.com

Universidade Federal da Bahia - UFBA, PEI- Programa de Engenharia Industrial,
Salvador, Bahia, Brasil, FAPESB.

GT12.Comunidades Tradicionais, manejo coletivo de recursos e sustentabilidade.

RESUMO

O objetivo do estudo foi caracterizar o potencial produtivo das frutíferas do Assentamento Terra Vista (ATV) e sua relação com as práticas agroecológicas. O ATV localiza-se no território litoral sul da Bahia e apresenta sistema de produção Cacau-Cabruca da Mata Atlântica, importante por sua biodiversidade e compromisso com a sustentabilidade. Foi realizada entrevista semiestruturada com 40% dos líderes familiares, baseada em dados socioeconômicos e diagnóstico rural rápido. Identificaram-se 19 espécies de frutas cultivadas. Somente 8% dos líderes familiares entrevistados conhecem sobre a sazonalidade das frutíferas e 82% reivindicam a falta de assistência técnica rural como dificuldade para aumento da produção. Os agricultores conhecem pouco as práticas agroecológicas. Embora exista grande diversidade de frutas na região, o potencial é pouco explorado. Compreendem a importância da agroecologia e assistência técnica rural para o sistema de produção de frutíferas e, também, como garantia da segurança alimentar e nutricional da comunidade.

Palavras-chaves: Assentamento; agricultura familiar; sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

Considerado um dos maiores movimentos camponeses do mundo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) foi fundado em 1984. Esse movimento mudou radicalmente o seu discurso ao modo de produção que deve ser adotado pelos agricultores familiares em seus assentamentos, substituindo o discurso com forte viés produtivista, para um com à visão agroecológica, utilizando dos seus conceitos, princípios e resgate da agricultura camponesa e as diretrizes da agroecologia. (BORSATTO E CARMO, 2013).

O Assentamento Terra Vista (ATV), fruto da luta pela reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), situado no município de Arataca, sul da Bahia, foi fundado oficialmente em 1994, localizado às margens da BR 101 e a ocupação da terra, deu iniciou em 8 de março de 1992, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, (TEIA DOS POVOS,2013).

O ATV possui 913,6 hectares e 58 famílias assentadas atualmente, referência em preservação ambiental, agroecologia e produção de mudas de espécies da Mata Atlântica. Desde o início da ocupação foram recuperados 90% da mata ciliar do Rio Aliança, que passa pelo território litoral sul, além da manutenção de 34% da reserva legal da área, que fica no entorno da Unidade de Conservação do Parque Nacional Serra das Lontras. Com diversas atividades desenvolvidas como piscicultura, cultivo de frutíferas e hortaliças, reconhecidas como Produção Orgânica pelo IBD Certificações, e um viveiro que produz 150 mil mudas por ano (TERRA VISTA,2018).

O litoral sul da Bahia, onde está localizado o ATV, é uma região com um dos mais importantes remanescentes de Mata Atlântica, caracterizado pelo sistema de produção conhecido como Cacau-Cabruca, ou simplesmente Cabruca. Enraizada na cultura indígena, o termo “Cabruca” procede do dialeto tupi-guarani, originalmente “Cabroca”, *Caá* = mato, plantas em geral e *Oca* casa, abrigo. “*Caá + Oca*” construir a casa, o abrigo, para o cacauero”(SETENTA, LOBÃO, 2012).

Nesse sistema, a biodiversidade é uma das características predominantes, tendo o cacau como principal produto, associado a diversas árvores frutíferas como o cupuaçu, açai, banana, pupunha, guaraná e outros aditivos, como fármacos, madeira, plantas ornamentais e vários tipos de produção (INSTITUTO CABRUCO, 2015).

Segundo Setenta e Lobão (2012) o Sistema Cabruca pode ser também definido como plantios de cacau sombreados com espécies madeireiras e frutíferas regionais, apresentando-

se em alternativa concreta e compromissada com a sustentabilidade da agricultura regional. Além disso, destaca-se pela sua capacidade potencial de gerar renda ao possibilitar uma melhoria e qualidade de vida e inclusão produtiva rural, pela internalização de prováveis ingressos financeiros na microeconomia Sul Baiana, oferta madeireira e de frutas, via manejo agroflorestal, notadamente na situação de baixos preços e acentuada queda de produção do cacau na região.

O sistema de produção desenvolvido pelos agricultores que se estabeleceu no ATV sempre foi orientado para a diversificação produtiva, com o principal objetivo de atender às necessidades de suas famílias, ou seja, voltada para subsistência destas. Esse processo de transição agroecológica tem por objetivo final melhorar a sustentabilidade produtiva, econômica e ecológica dos agros ecossistemas, ao propor um sistema de manejo que tenha como base os recursos locais e uma estrutura operacional adequada às condições ambientais e socioeconômicas existentes (LOPES, 2014).

Nesse processo, a agroecologia é um caminho que compõe a agricultura familiar e a sustentabilidade para o espaço rural. Importante o reconhecimento e os desafios da transição de um modelo para outro, envolvendo o conjunto: dimensão econômica, tecnológica, social e cultural (SANTOS et al ,2014).

A Agroecologia tem a finalidade de manter interações ecológicas e sinérgicas entre os componentes biológicos para que deles haja fertilidade no solo, produtividade e proteção das culturas. Também visa preservar a sustentabilidade cultural dos sistemas agrícolas. O conhecimento dos (as) agricultores (as) sobre ecossistemas é relevante na criação de estratégias produtivas de uso da terra, que até certo limite pode prover autossuficiência alimentar (ALTIERI, 2009d).

Esse processo de autossuficiência alimentar corrobora com o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) adotado no Brasil, que vem sendo discutido aliado a um processo interdisciplinar envolvendo não somente os alimentos e hábitos alimentares saudáveis, mas também práticas sustentáveis de produção, cidadania e direitos humanos, chamando a atenção sobre a importância da relação entre qualidade dos alimentos e dieta alimentar com a segurança nutricional, a fim de satisfazer as necessidades nutricionais, hábitos e práticas alimentares construídas e promoção à saúde (KEPPLE E CORREA 2011).

Estudos da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA, 2010), relacionados à qualidade e sustentabilidade, localizam cinco interfaces entre a agroecologia e a SAN: diversificação da produção de alimentos e agrobiodiversidade; estabelecimento de novas

relações de mercado; resgate de culturas alimentares; educação alimentar e para o consumo; e políticas públicas e mercados institucionais. Isso não só mostra a diversidade de práticas agrícolas no meio rural, mas também explicita o potencial e a relação indissociável entre a segurança alimentar e nutricional e a produção agroecológica de alimentos, o que agrega qualidade à produção e ao consumo alimentar (CONTI, 2013).

Dentro desse contexto de agroecologia e sistema Cabruca, atrelados à sustentabilidade da agricultura regional e cultural e a importância de promover a autossuficiência alimentar como base do processo de Segurança Alimentar e Nutricional das comunidades assentadas, destaca-se a diversidade de frutíferas existentes na região.

Segundo Pirolla (2013), a Mata Atlântica é apresentada com 25 ecossistemas biologicamente mais ricos e ameaçados do mundo, caracterizados com frutos exóticos que possuem cor, sabor e aroma atrativos para a indústria de alimentos (EGEA, 2014).

Segundo Viani e Rodrigues (2005), o consumo de frutíferas ingerido pela população brasileira, mesmo antigo e cheio de exemplos, é ainda muito pequeno quando comparado a outras espécies frutíferas introduzidas de outros países. Por sua vez, o Brasil é sem dúvida um dos principais centros de diversidade das espécies frutíferas, ofertando mais de uma centena de plantas cujos frutos beneficiam a alimentação humana.

No entanto, o conhecimento da maioria destas espécies é muito pouco, fazendo com que nosso país tenha enorme dependência de recursos genéticos externos, sendo que as principais espécies cultivadas são exóticas, pois foram introduzidas de várias regiões mundiais (PIROLLA, 2013).

Dessa forma, o objetivo do estudo foi conhecer o potencial produtivo das frutíferas do Assentamento Terra Vista (ATV) e sua relação com as práticas agroecológicas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no Assentamento Terra Vista no município de Arataca – BA, mediante a realização de vinte e cinco entrevistas com as lideranças.

Foi realizada a aplicação do Diagnóstico Rural Rápido Participativo (DRRP), utilizando como ferramenta a entrevista semiestruturada.

O DRRP é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes podem compartilhar experiências e

analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação (VERDEJO, 2010).

Foram utilizadas como ferramentas do DRRP:

- (1) Observação participante (na primeira fase da pesquisa): cuja finalidade foi compreender a percepção da realidade da comunidade e criar certa confiança para compartilhar tempo com os comunitários;
- (2) Entrevista semiestruturada (na segunda fase da pesquisa): trata-se de uma entrevista que é guiada por 10-15 perguntas-chave determinadas anteriormente. Esta ferramenta facilita criar um ambiente aberto de diálogo e permite à pessoa entrevistada se expressar livremente, sem as limitações criadas por um questionário.

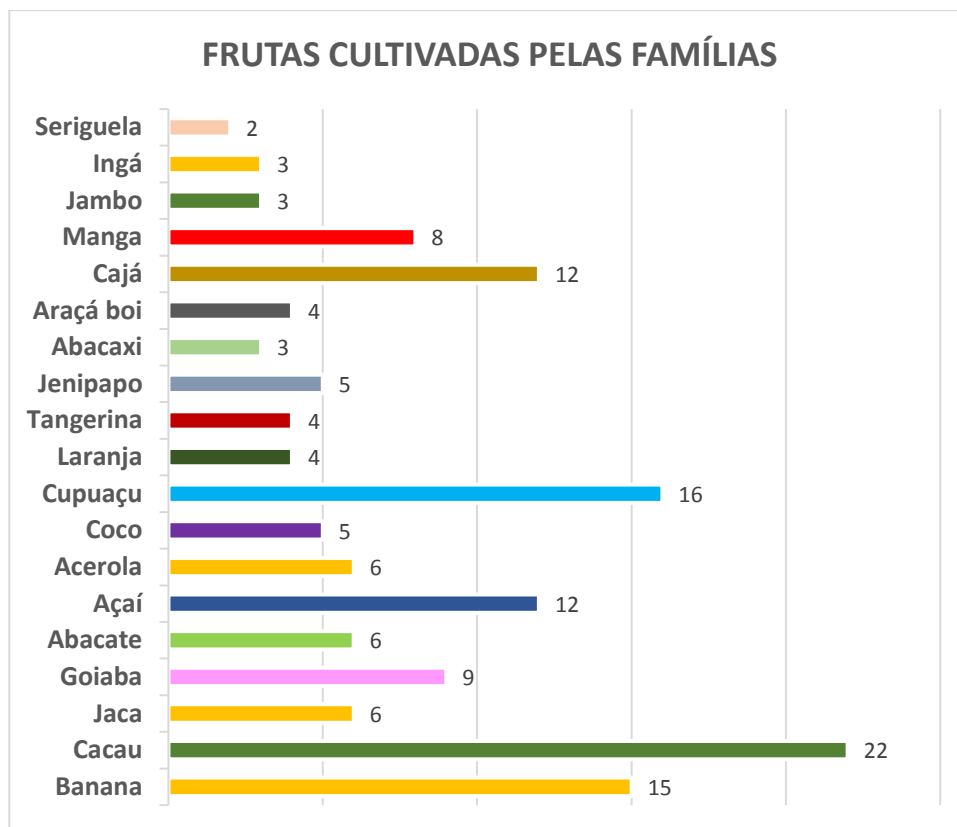
Foi elaborada uma entrevista com 15 perguntas e entrevistados 40% dos líderes familiares (25 famílias), com duração média de 40 minutos. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa foram utilizados códigos numéricos, como Entrevistados 1,2,3...

A análise dos resultados foi realizada utilizando ferramentas do software Microsoft Excel que gerou gráficos, avaliando os dados coletados com estatística descritiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo os dados das entrevistas, foram identificadas 19 espécies de frutíferas cultivadas: cacau, banana, jaca, goiaba, abacate, açaí, acerola, coco, cupuaçu, laranja, tangerina, jenipapo, abacaxi, araçá boi, cajá, manga, jambo, ingá e seriguela.

O GRÁFICO 1: demonstra variedade de frutas cultivadas por família entrevistadas:



Segundo Santos (2016), a agricultura na região sul da Bahia, em especial no Assentamento Terra Vista, é regida pela produção vegetal, como a pupunha, a silvicultura (floresta plantada), a fruticultura (abacaxi, banana, coco, goiaba, laranja, limão, maracujá, cajá, jaca, araçá boi e mamão), o cacau (o carro-chefe da região), e pela produção de mudas de essências florestais e frutíferas.

No ATV, o cacau liderou o cultivo citado por 22 famílias, seguido do cupuaçu 16 famílias e da banana 15 famílias. Porém, é importante observar a diversidade de outras frutíferas também citadas pelos assentados do Terra Vista, que podem ter grande potencial produtivo e de renda, como impulso para a agricultura familiar.

O cacau foi a fruta que manteve a Mata Atlântica e sua grande biodiversidade, durante séculos, porém foi surpreendido pelo surgimento da vassoura-de-bruxa, que resultou na derruba de árvores para o sustento de muitos produtores e para utilização em outras atividades, inclusive a pecuária (SETENTA E LOBÃO, 2012).

A integração entre o cacau-cabruca e o ecossistema regional é incontestável, estão perfeitamente integrados; a cabruca, por sua estrutura florestal e boa relação mesológica, com grande similaridade com a floresta tropical e capacidade de se adaptar às mais diferentes condições, possibilita harmonia e equilíbrio no agroecossistema cacaueiro. (SETENTA E LOBÃO, 2012)

De acordo com dados da CEPLAC (Comissão Executiva de Plano da Lavoura Cacaueira) / Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC), a principal cultura agrícola produzida na região Sul da Bahia é o cacau, que representa 62% da produção brasileira com 33.910 produtores rurais, sendo mais de 90% caracterizados como pequenos produtores, que demandam por apoio técnico-gerencial para que possam desenvolver estratégias de qualidade e serem competitivos como atores da agricultura de pequeno porte e familiar na cadeia global do cacau (VIRGENS FILHO, 2011).

Com o objetivo de identificar a diversidade e potencialidade produtiva da Cabruca para além do cacau, buscou-se conhecer junto aos assentados quais espécies frutíferas apresentavam-se junto aos cacauzeiros e eram utilizadas para o consumo doméstico e comercialização. Foram citadas: ingazeira, cajazeira, cajueiro, jaqueira, açazeiro, abacateiro, mangueira, cupuaçuzeiro, bananeira, laranjeira, tangerineira, araçá d'água, gravioleira e pinha doce. Destas, somente banana é comercializada as demais são consumidas na comunidade e o excedente se perde (NOGUEIRA, 2015).

Segundo Nogueira (2015), com o ordenamento da produção e o planejamento do sistema em longo prazo podem gerar o aproveitamento de outros recursos além do cacau, todos os anos, pois as árvores podem fornecer madeira, óleos, sementes, frutos, mel e fitoterápicos. Com o objetivo de aumentar a diversidade funcional e produtiva do agroecossistema cabruca, foi proposta a adequação do sombreamento, para a introdução de novas espécies, que forneçam outros produtos.

Essa diversidade de frutíferas encontrada no Sistema Cabruca do ATV representa um aspecto positivo para a comunidade, pois 76% dos agricultores familiares citaram a retirada de frutas da Cabruca para o consumo e venda.

Em um estudo de caso realizado em um assentamento na região Sul da Bahia mostra um cenário identificando precárias condições de vida e trabalho que favorecem a exclusão social e econômica dos assentados enquanto produtores da agricultura familiar no contexto da competitividade das cadeias agroalimentares. Alternativas para a diversificação das atividades produtivas, que proporcionem o crescimento da produção, produtividade e a melhoria da atividade de comercialização podem representar a possibilidade da redistribuição mais igualitária da renda e geração de emprego nos assentamentos produtivos. (ESTIVAL e CORREA).

O GRÁFICO 2 demonstra quais frutas retiradas da cabruca foram citadas pelos agricultores familiares. Esse resultado está em conformidade com os apresentados no GRÁFICO 1, pois as frutas que mais são retiradas da cabruca também são as mais cultivadas

pelas famílias: 19 agricultores citaram que retiram cacau da cabruca, 15 citaram cupuaçu, 13 citaram banana, 12 citaram açaí e 10 citaram jaca..

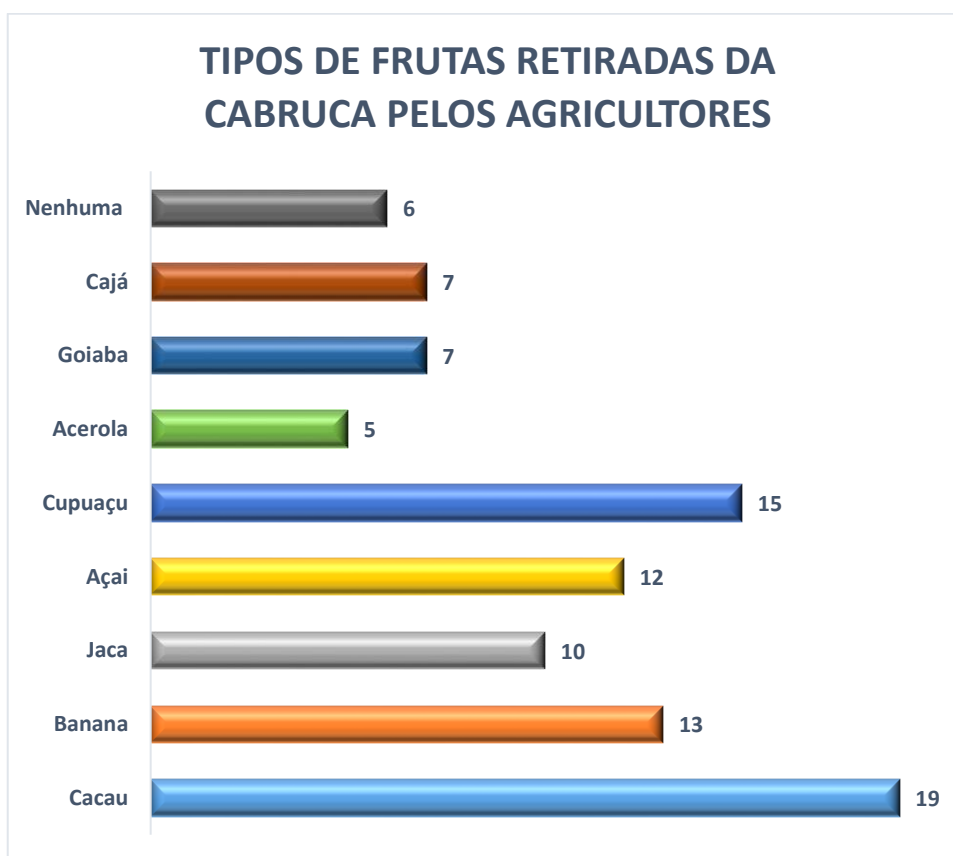


GRÁFICO 2

Tratando-se do processo de produção orgânica realizada pelos agricultores familiares do ATV, procurou-se conhecer qual produto eles utilizavam para controle de pragas e doenças nas frutíferas. A maioria das famílias (88%) realizam controle de pragas e doenças nas frutíferas através do biogel (GRÁFICO 3).

Os biofertilizantes enriquecidos são uma alternativa aos fertilizantes ou adubos químicos e ajudam a manter a planta equilibrada e mais resistente às “pragas”. Em cada região do Brasil ela é chamada por um nome: calda sulfocálcica, calda bordalesa, super-magro, gororoba e de biolocal (Sul da Bahia), biogeo (Sergipe e Alagoas), super-tará (Pernambuco), biogel e muitos outros (CZYMMECK, 2010). A produção e o consumo de alimentos orgânicos além de permitir uma vida mais saudável, preserva o solo e é um respeito à natureza.

O biogel é um composto líquido, à base de restos de hortaliças e frutas, soro de leite, pó de rocha, urina de vaca, melão de cana, casa de cupim, terra de formiga e farinha de

trigo sem fermento. Sua função é combater insetos, pragas, evitar doenças que impedem o desenvolvimento das plantas, renovar o solo, etc. Uma vez produzido, o biogel pode ser realimentado por bastante tempo, além de poder utilizar um pouco do produto para produzir mais quantidade. É aplicado direto nas plantas (NOGUEIRA, 2015).

Somente 12% dos agricultores utilizam a calda de fumo para o combate de pragas e doenças, cuja aplicação deve ser feita com antecedência mínima de 12 dias da colheita para não deixar resíduos de nicotina nos alimentos. Nenhum dos agricultores utilizam produtos sintéticos para o combate.

Essas informações confrontam com o relato de Nogueira (2015), que indica utilização de calcário doado pelo Instituto Cabruca no manejo do solo nas unidades produtivas dos assentados, bem como manejo da biomassa do agroecossistema com as podas das árvores já existentes, as folhas da serapilheira e a roçagem.

Kokuszka (2015) realizou estudo na região Centro Sul do Paraná, citando a utilização do preparo de adubos ecológicos pelo agricultor familiar, além de caldas e biofertilizantes naturais, elaborados a partir de ingredientes disponíveis na propriedade, como esterco, restos vegetais, húmus de minhoca, inoculantes naturais e terra. Essas práticas foram facilmente adotadas pelos agricultores e substituíram o uso de agroquímicos nas lavouras.

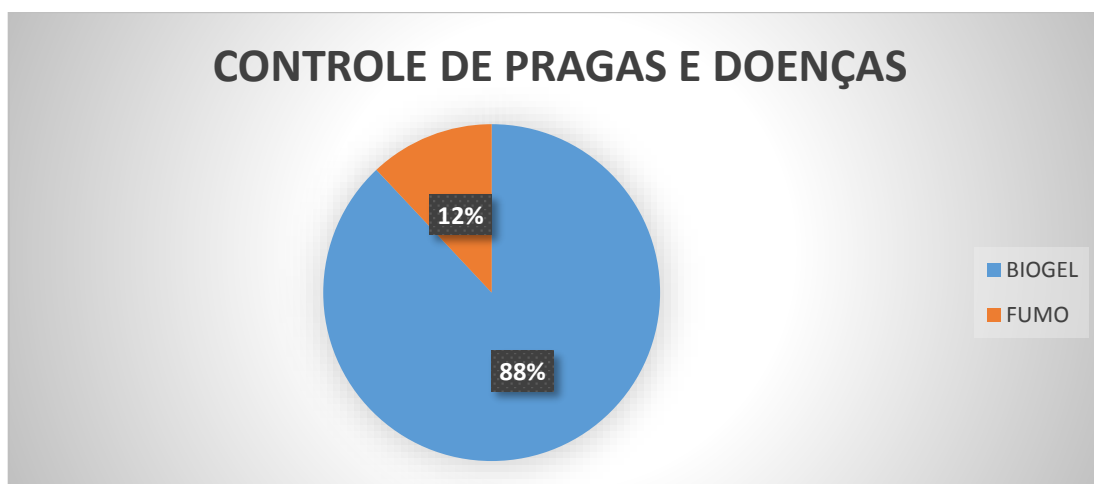


GRÁFICO 3

Em relação à utilização de sementes para a produção, os agricultores utilizam 76% de sementes crioulas e 24% de sementes modificadas (GRÁFICO 4). Sementes crioulas podem ser denominadas como sementes que não sofrem modificações genéticas por meio de técnicas como as realizadas no processo de melhoramento genético. Estas sementes são chamadas de sementes crioulas, nativas ou tradicionais porque, habitualmente, seu manejo

foi desenvolvido pelos agricultores familiares das comunidades rurais (BARBOSA et al., 2015).

A produção dos Bancos de Sementes no ATV, é feita pelos próprios agricultores familiares o que permite a redução de custos e troca de sementes entre as famílias beneficiadas. As sementes modificadas são adquiridas fora do Assentamento e são plantadas. As sementes crioulas no Brasil apresentam boas qualidades nutricionais e estão bem adaptadas às condições ecológicas locais e necessitam de baixas quantidades de insumos agrícolas quando comparadas com as variedades modernas que apresentam uma constituição nutricional baixa em vários nutrientes e precisam de todo um pacote tecnológico para que se possa produzir (DAVIS, 2009).

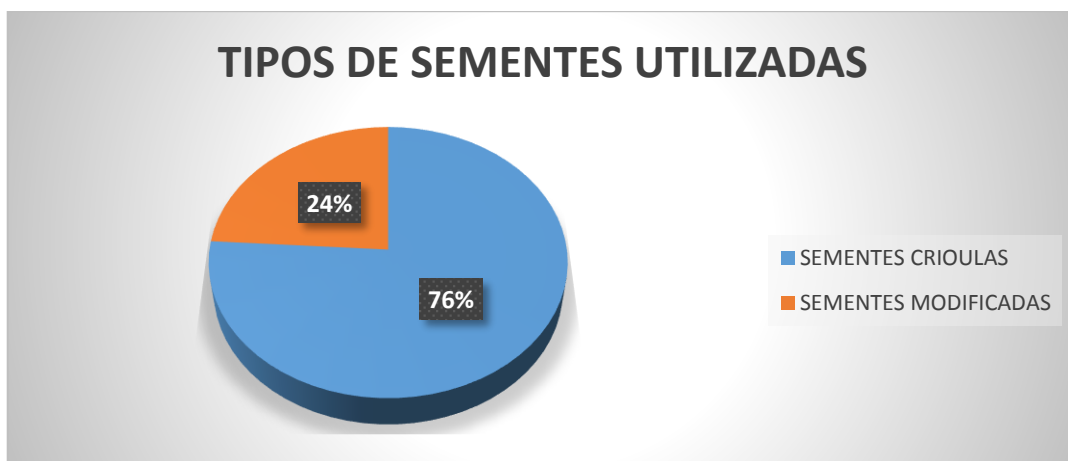


GRÁFICO 4

Algumas dificuldades foram identificadas para realização das atividades na produção de frutas, representadas no GRÁFICO 5: 56% dos entrevistados relatam falta de Assistência Técnica rural (ATER), 16% falta de projetos de ATER, 16% não reclamaram de dificuldades e 12% questionaram sobre a falta de equipamentos necessários para a produção.

DIFICULDADES PARA A PRODUÇÃO DE FRUTAS



GRÁFICO 5

A falta de Assistência Técnica Rural é um dos maiores empecilhos para a produção agrícola de assentados, atrelada à falta de incentivo financeiro do governo, que acaba burocratizando e dificultando o acesso ao crédito. Dentro dessa realidade, os assentados acabam não tendo condições necessárias para permanência da atividade exercida, havendo uma migração para os grandes centros, à procura de empregos (MILHOMEM, ARAÚJO, SOUSA, DEUS, 2017).

Em relação à assistência técnica rural, 92% dos assentados afirmam a ausência dos órgãos responsáveis e 8% relatam que através dos próprios conhecimentos adquiridos como formação em agroecologia realizam a sua própria assistência.

Quando questionados sobre o que achavam importante para favorecer a melhoria da produção, 48% dos agricultores relataram o acompanhamento por uma assistência técnica rural através de órgãos responsáveis, 40% reforçaram sobre a importância de projetos locais para a melhoria na produção e 12% qualidade no acesso ao local para produção.

Em um Assentamento no Mato Grosso do Sul, em estudo realizado por Sambuichi et al (2014), também se identificou grande carência no apoio técnico relatada pelos agricultores, tanto para a extensão rural, quanto para outros tipos de assistência. A falta desse atendimento em extensão rural é muito preocupante, pois significa que o agricultor pode ter acesso à tecnologia para produzir melhor e recorrer a empréstimos junto ao Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), sem contar com conhecimento para uso correto e sustentável destas tecnologias.

Um estudo de caso do assentamento Milton Santos e Americana e Cosmópolis/SP, realizado por Gaspari et al (2018), também identificou que a assistência técnica para o

manejo produtivo é tida como ruim pelos assentados (67%). A frequência da visita dos técnicos costuma ocorrer semanalmente (34%), mensalmente (33%) ou de forma esporádica (33%).

Quando questionados sobre o conhecimento relacionado às práticas agroecológicas (GRÁFICO 6), 72% dos entrevistados relatam não entender sobre práticas agroecológicas e 28% confirmaram entender sem muitas explicações, apresentando conhecimento restrito ou inadequado. A maioria das práticas agroecológicas são realizadas pelos agricultores de forma inconsciente.

Santos et al (2014) realizaram um estudo em Mossoró-RN buscando entender a compreensão dos agricultores sobre a importância da preservação do meio ambiente e dos recursos locais, bem como o entendimento dos mesmos sobre a opção de produzirem de forma agroecológica. Eles informaram que produzir dessa maneira contribui para o meio ambiente, pois “reduz os impactos ambientais de 80% a 90%”; “usa os recursos disponíveis menos agressivos, preserva os mananciais, recupera solos pobres” e “polui menos”. Diante de tal entendimento, apreende-se que a agroecologia é vista por eles como a interação dos agroecossistemas, uma relação direta entre homem e natureza.



GRÁFICO 6

Como a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) fazem parte das práticas agroecológicas, procurou-se identificar o uso e a frequência desses equipamentos pelos agricultores. 84% dos agricultores (GRÁFICO 7) relataram utilizar algum tipo de EPI, resumidos ao uso de bota e luva. Para ter uma proteção individual adequada é importante a utilização de luvas impermeáveis, máscaras protetoras, viseira facial ou óculos de proteção para os olhos, boné árabe e botas impermeáveis de cano longo ANDEF (2018).

Segundo Veiga et al. (2007), a NR-6 considera EPI-Equipamentos de Proteção Individual, todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho. É importante a utilização dos EPIs para a realização das práticas agroecológicas, pois é a única forma que o trabalhador do campo tem para prevenir contra intoxicações e acidentes que podem colocar sua vida em risco. A utilização é necessária em todas as etapas de uso dos defensivos agrícolas, desde o início do preparo da calda até a limpeza dos equipamentos de pulverização após a aplicação.

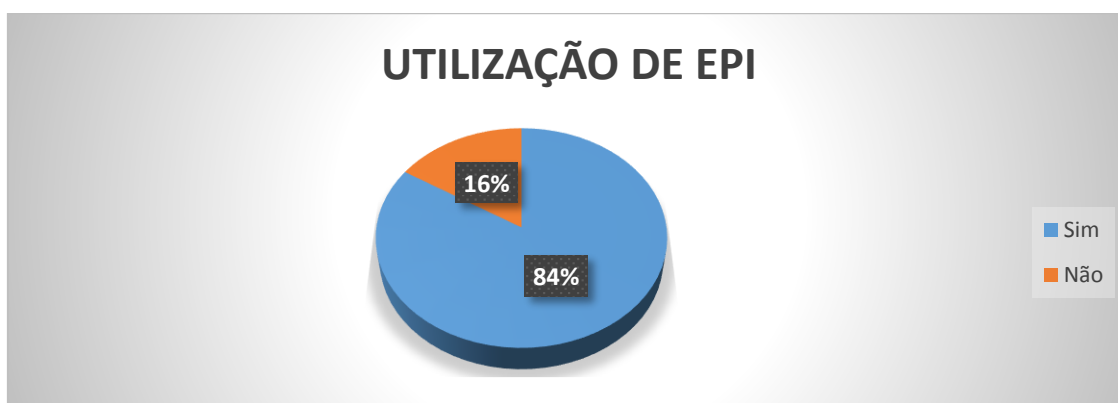


GRÁFICO 7

Em relação aos equipamentos utilizados para a colheita das frutas, foi informado que 92% utilizam algum tipo de equipamento, estando restrito a facão e podão e 8% não utilizam nenhum equipamento, impossibilitando uma maior produção e uma melhor forma de manejo com a terra.

A pesquisa mostra que 76% dos agricultores não tem o conhecimento da quantidade de produção mensal das frutas e 24% conhecem somente a produção de cacau, que na época da safra sabem exatamente a quantidade produzida e o lucro que terá com a produção. Algumas famílias produzem diversas frutas nos quintais das suas casas e outras em lotes na roça, não identificando o quantitativo produzido. Nos quintais produtivos, verifica-se a produção de banana, laranja, coco, cacau, manga e outras frutas, além de hortaliças e plantas medicinais.

Segundo Oklay (2004), os quintais produtivos funcionam como “despensas naturais”, onde as famílias podem recorrer fácil e cotidianamente para o preparo das refeições diárias), contribuindo assim, para segurança alimentar e nutricional, a geração de renda a partir da venda do excedente e ainda para preservação da agro biodiversidade.

CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO MENSAL DE FRUTAS NO ATV



GRÁFICO 8

Nas entrevistas realizadas, o conhecimento sobre a sazonalidade de algumas frutas é restrito a 8% dos líderes comunitários. A grande maioria (92%) não soube informar a época de produção de cada fruta nem a época de colheita, demonstrando conhecimento vago. Citaram algumas frutas, como o açaí, com produção o ano todo dependendo do manejo e maturação; a acerola nos meses quentes; cacau como temporão: mês março a maio; cupuaçu: abril até julho e a partir do mês março começa a cair da árvore; cajá: abril até junho; tangerina: abril até junho; jaca: mês de novembro até final de março.

No entanto, para que a os frutos tenham uma melhor qualidade e produção adequada, é imprescindível o conhecimento sobre a sua sazonalidade. A poda de frutificação permite a colheita de frutos nas épocas desejadas pelo produtor e é economicamente viável, porque pode possibilitar a colheita justamente nos períodos de menor oferta no mercado (RAMOS et al, 2011).

Essa sazonalidade corresponde a um movimento periódico, oscilatório, que ocorre com regularidade em subperíodos de um período de tempo fixo, geralmente um ano; ou seja, refere-se a movimentos sistemáticos para cima e para baixo, em torno de um valor médio, repetindo-se em um dado período de tempo fixo (LAZZAROTTO E FIORAVANÇO, 2013).

Nesse contexto, os efeitos sazonais podem ser resultantes de alguns fatores que contribuem no período da safra e entressafra: mudanças climáticas, preferências, períodos de safra e as datas específicas da produção durante o ano e também os ciclos de variações cíclicas com oscilações ofertando determinados produtos na produção.

A TABELA 1 contém informação sobre a sazonalidade das frutíferas mais importantes encontradas no ATV.

PROD	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Açaí	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Banana	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cacau			X	X	X		X	X	X	X	X	X
Cajá				X	X	X						
Cupuaçu				X	X	X	X	X				
Acerola	X	X						X	X	X	X	X
Goiaba	X	X	X									X
Jenipapo				X	X	X						
Araçá						X	X					
Seriguela					X	X						
Coco	X	X	X							X	X	X
Manga	X	X										
Ingá	X	X										
Laranja								X	X	X	X	
Tangerina				X	X	X						
Abacaxi												X
Jaca		X	X	X	X						X	X
Abacate		X	X	X	X							
Jambo	X	X	X									

TABELA 1. Informações obtidas por Agricultor do ATV.

4. CONCLUSÕES

Diante dos conceitos apresentados e da análise dos dados obtidos através do DRRP, observou-se que, embora exista grande diversidade de frutas na região, o potencial é pouco explorado e os agricultores possuem conhecimento limitado sobre as práticas agroecológica, o que dificulta o desenvolvimento de uma estratégia produtiva do uso da terra.

Explorar a biodiversidade de frutíferas existentes no ATV, tanto para consumo quanto para produção e renda, pode fomentar o processo de agroecologia e desenvolvimento rural sustentável na comunidade.

Compreendem a importância do conhecimento sobre agroecologia, assistência técnica rural para o sistema de produção de frutíferas para garantir a segurança alimentar e nutricional da comunidade. Porém cabe a realização de pesquisas agroecológicas futuras, além de continuidade ao diagnóstico de forma periódica para tanto se alcançar o controle na produção de frutíferas no ATV, com indicação de projetos, eventos e oficinas, com o intuito

de fortalecer a formação continuada e o conhecimento agroecológico dos assentados sobre essa produção.

5. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120 p.

ANDEF-Associação Nacional de Defesa Vegetal.

<http://wwwo.metalica.com.br/equipamento-de-protecao-individual-epi.Portal-Acesso>
2018.

BARBOSA, V. L.; VIDOTTO, R. C.; ARRUDA, T. P .; Erosão Genética e Segurança Alimentar SICI–SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS, realizado na UNAERP –Campus Guarujá, Artigo, p.03, 2015.

BORSATTO,R.S.,CARMO,S.M.,Rev.Econ.Sociol.Rural vol.51 no.4 Brasília Oct./Dec. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST),2013.

Cadernos de agroecologia - ISSN 2236-7934 – Vol, 11, No. 1, Jun 2016 Santos 2016. I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia.

CZYMMECK, A.Projeto Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Familiar no Nordeste Representante da Fundação Konrad Adenauer Fortaleza: homepage: <http://www.agroecologia.inf.br>.

CONTI, I.L. Interfaces entre direito humano à alimentação adequada, soberania alimentar, segurança alimentar e nutricional e agricultura familiar. In: CONTI, I L .(Org.). Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, 2013.

DAVIS, D. R. Declining fruit and vegetable nutrient composition: what is the evidence 2009.

EGEA,M.B. Frutos nativos da floresta atlântica com potencial de maior utilização pela população e pela indústria: Caracterização nutracêutica aromática. Tese doutorado, Universidade Federal do Paraná, setor de Tecnologias. CURITIBA- 2014.

ESTIVAL,S.G.K.,CORREA,S.R.S, MENDES, G.A, SANTOS,J.J., Reflexões sobre o desenvolvimento da agricultura familiar: Estudo de Caso sobre as condições de vida e trabalho em um Assentamento do Sul da Bahia –Brasil. - I SEMINÁRIO, 2013 - academia.edu

FATORELLI, L. & MERTENS, F. Integração de políticas e governança ambiental: o caso do licenciamento rural no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, Campinas/SP, v. 13, n. 2, p. 401-415, dez. 2010.

GASPARI, L. C.; KHATOUNIAN, C. A.; MARQUES, Moruzzi P. E. O papel da agricultura entre as famílias pluriativas assentadas em região metropolitana: o caso do Assentamento Milton Santos em Americana e Cosmópolis/SP. *Revista NERA*, ano 21, n. 41, p. 85-101, jan.-mar. 2018.

INSTITUTO CABRUCO. Disponível: <http://www.cabruca.org.br/aceso:junho> 2016. Jornada de agroecologia da Bahia. Disponível em: <http://jornadadeagroecologiadabahia.blogspot.com.br/2013/12/conheca-o-assentamento-terra-vista.html>.

KEPPLE, A.W. & CORREA, A.M.S. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1):187-199, 2011.

KOKUSZKA, R. Avaliação do teor nutricional de feijão e milho Cultivados em sistemas de produção convencional e Agroecológico na região centro-sul do Paraná 2015.

LAZAROTTO, J.J. & FIORAVANÇO, J.C. Tendências e Sazonalidades nas Exportações e Importações Brasileiras de Uva na mesa. *Informações Econômicas*, SP, v. 43, n. 1, jan./fev. 2013.

LOPES, P. R. A biodiversidade como fator preponderante para a produção agrícola em agroecossistemas cafeeiros sombreados no Pontal do Paranapanema. 2014.172 P. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada - Interunidades) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, SP, 2014.

MILHOMEM, J.P.L, Araújo,R.L.Sousa,W.L.,Deus,S., A influência da assistência técnica na agricultura familiar: Enfoque no assentamento maringá, araguatins-To.II Congresso Internacional das Ciências Agrárias-COINTER-PDV Agro 2017.

NASCIMENTO, R.C. Avanços e desafios da implementação do direito humano a alimentação adequada no Brasil. Relatório Técnico. Brasília, Rio de Janeiro, ABRANDH CEREASAN; CONSEA; FAO-RLC/ ALCSH, março 2009.

NOGUEIRA, F. R., Apropriação do manejo orgânico do Cacau-cabruca em assentamentos rurais Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas da

Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Florianópolis, 160p. 2015.

PIROLA, K. Caracterização fisiológica e conservação de sementes de oito fruteiras nativas do Bioma Floresta com Araucária. 129f.: il, 30cm. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Agronomia. Pato Branco, PR, 2013.

OKLAY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas*, v. 1, n.1, p. 37-39, 2004.

RAMOS, D.P.; LEONEL, S.; SILVA, A.C.; SOUZA, M.E.; SOUZA, A.P.; FRAGOSO, A.M. Épocas de poda na sazonalidade, produção e qualidade dos frutos da goiabeira "PALUMA". *Semina: Ciências Agrárias, Londrina*, v. 32, n. 3, p. 909-918, jul./set. 2011.

SAMBUICHI ... [et al.], *Sustentabilidade Ambiental em Assentamentos do Mato Grosso do Sul Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas* – Brasília: Ipea, 2014. 273 p. SBN 978-85-7811-196-0 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

SETENTA, Wallace & Lobão, Dan Érico. *Conservação Produtiva: cacau por mais 250 anos* por Wallace Setenta e Dan Érico Lobão. Itabuna. BA. 2012. 190p.

SANTOS, F.C. Siqueira, S.E. Araújo, T.I. Maia, G.M.Z., *Ambiente & Sociedade São Paulo* v. XVII, n. 2 p. 33-52 abr.-jun. 2014 A Agroecologia como perspectiva de Sustentabilidade na agricultura familiar.

SCHREINER, T.C. (2016), Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Laranjeiras do Sul. *Importância das frutíferas nativas para famílias agricultoras na cantuquiriguaçu*, PR Laranjeiras do sul.

TEIA DOS POVOS: LINK: <http://teiadospovos.redelivre.org.br/?p=94>, 2013.

VEIGA, M. M. *et al.* Análise da contaminação dos sistemas hídricos por agrotóxicos numa pequena comunidade rural do Sudeste do Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro. v. 1.22, n.11, p. 2391-2399, 2006.

VIANI, R.A.G. & Rodrigues, R.R. *Árvores Frutíferas Nativas do Brasil: Importância, uso e diversidade de Espécies*. Revista Flores e Jardins 2005.

VIRGENS FILHO, Adonias de Castro. I Fórum de sustentabilidade da cadeia do cacau. Instituição promotora: IMAFLORA. Palestra realizada em 01 de julho de 2011: Visão de

Futuro da cacauicultura no Brasil. Disponível em:[\(http://www.imaflora.org/upload/repositorio/Palestra_Visao_de_Futuro__Cacauicultura_no_Brasil\)](http://www.imaflora.org/upload/repositorio/Palestra_Visao_de_Futuro__Cacauicultura_no_Brasil). (2). PdfAcesso em 10 de agosto de 2012.

VERDEJO, M.E. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura familiar, 2010.

WWW. <http://assentamentoterravista.com.br/atv/quem-somos/>

